

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A INSERÇÃO DOS BOLSISTAS DO PIBID NAS ESCOLAS: A PRODUÇÃO DO ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL DE ANGRA DOS REIS COM CARTOGRAFIA ESCOLAR E CARTOGRAFIA SOCIAL

Mara Edilara Batista de Oliveira¹

edilaramara@gmail.com²

Resumo

Este artigo tem como objetivo relatar e analisar o processo de formação de professores e a produção e execução de atividades do projeto que media a inserção dos bolsistas/voluntários no contexto escolar do Núcleo Geografia do PIBID – 2018-2019 da UFF de Angra dos Reis. Esse projeto se desenhou a partir de uma demanda observada nas escolas por materiais cartográficos em escala local ou municipal. Daí surge a proposta de criação de um Atlas Escolar Municipal de Angra dos Reis, partindo de metodologias contextualizadas e participativas buscou-se integrar o papel da universidade e dos cursos de formação de professores com a demanda das escolas públicas, elaborando mapeamentos coletivos e colaborativos que integram conteúdos abordados em sala de aula com a produção, uso e leitura de mapas. Para isso, temos desenvolvido atividades de formação e de elaboração de materiais cartográficos de representação do cotidiano vivido pelos alunos das escolas atendidas pelo PIBID em Angra dos Reis.

Palavras-chave: PIBID; Cartografia; Formação de professores

Introdução

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) busca promover experiências de ensino/aprendizagem dialógicas entre alunos da primeira metade dos cursos de licenciatura, professores da escola básica e da universidade através de reflexões nas suas fronteiras disciplinares. Um dos objetivos do projeto é mobilizar a produção de conhecimento a partir de diferentes linguagens, perscrutando as suas potencialidades e desafios diante da realidade educacional brasileira.

¹ Professora adjunta do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal Fluminense – Instituto de Educação de Angra dos Reis. Coordenadora do PIBID – Núcleo Geografia de Angra dos Reis.

² Agradecimento à CAPES e ao Programa PIBID pelo financiamento das bolsas para a execução dessas atividades nas escolas.



Dentre os objetivos específicos: a) conhecer e analisar a proposta curricular da Escola tal como o seu Projeto Político-Pedagógico e os recursos didáticos e metodologias de ensino empregados; b) acompanhar o planejamento das disciplinas; c) coparticipar na organização e condução de atividades pedagógicas nas salas de aula; d) construir referenciais teórico-metodológicos que possam fortalecer os projetos e ações que serão desenvolvidos a partir dos contextos escolares; e) propor e elaborar materiais didáticos auxiliares; f) receber e esclarecer dúvidas específicas do(a)s discentes escolares com dificuldades de acompanharem os conteúdos curriculares desenvolvidos; g) propor projetos (inter-)disciplinares que contribuam com as habilidades e competências concernentes às análises socioambientais desde que também atravessadas pela compreensão dos direitos sociais, políticos e econômicos; h) criar contextos significativos e referenciais teóricos capazes de auxiliar com as habilidades e competências referentes à elaboração de argumentos lógico-científicos no exercício da prática docente; i) construir espaços de aprendizagem no processo de elaboração de materiais didáticos que tenham a participação direta dos sujeitos da escola mediada pela equipe do programa;

Partindo dessas primeiras considerações em torno da importância do PIBID para os cursos de Licenciaturas, este artigo tem como objetivo, relatar e analisar a experiência de inserção dos bolsistas/voluntários do Núcleo de Geografia da UFF/IEAR nas escolas municipais de Angra dos Reis, por meio da construção de um Atlas Escolar Municipal, partindo de metodologias contextualizadas, participativas e colaborativas.

Dessa forma, é importante resgatar primeiramente, a história de luta e conquista desse Núcleo de Geografia do Instituto de Educação de Angra dos Reis, como parte do PIBID da Universidade Federal Fluminense. Considerando que o curso de Licenciatura em Geografia do IEAR teve início no segundo semestre do ano de 2014, não tivemos a possibilidade de pleitear o Núcleo no edital PIBID do ano de 2013. Desde o ano de 2016, ficamos em constante diálogo com a coordenação central do Programa na UFF com vistas a conhecermos o projeto institucional da mesma e nos inserirmos nos debates para o desenvolvimento do próximo projeto de iniciação à docência da UFF. Com a publicação do novo edital do PIBID no início do ano de 2018, os professores do curso de Geografia do IEAR/UFF se articularam e conseguiram garantir a formação de um núcleo de docência nesta unidade do interior.

O próximo passo foi a participação dos professores do curso no processo seletivo para coordenadores de núcleos de docência na universidade. Foram selecionados três professores do curso. Um professor bolsista e dois voluntários ao projeto³. Posteriormente, foram selecionados três professores regentes bolsistas da escola básica que supervisionariam os bolsistas do projeto. Cada professor da escola básica supervisionaria dez alunos, sendo que seriam oito alunos bolsistas e dois voluntários que participariam do projeto desde o início, portanto teriam a prerrogativa de recebimento de bolsa, quando da desistência dos alunos bolsistas. Por último, houve a realização da seleção de alunos do curso para participarem do projeto.

O Programa teve início em agosto de 2018, desde então esse grupo de bolsistas/voluntários, professores supervisores das escolas e coordenadores do núcleo, têm buscado conhecer os sujeitos e se inserir no contexto escolar das escolas públicas, municipais e estaduais, de Angra dos Reis, mais precisamente nas escolas selecionadas pelo projeto. Para isso, e de forma concomitante, esse grupo têm passado também por um intenso processo de formação continuada, por meio de encontros semanais, que partem de metodologias próprias da ciência geográfica. Essas formações contam ainda com um planejamento coletivo das aulas de forma interativa com as atividades de uso, produção e leitura de mapas.

Contribuições metodológicas da ciência geográfica na iniciação à docência: o Núcleo de Geografia de Angra dos Reis

O Núcleo PIBID de Geografia - Angra dos Reis, como já dissemos, propõe mediar a inserção dos alunos nos espaços escolares por meio da construção do atlas escolar municipal de Angra dos Reis. Mediante esta especificidade do Núcleo, aproveitamos os espaços de aprendizagem que a linguagem cartográfica pode nos oferecer para acompanhar e avaliar as atividades desenvolvidas pelos bolsistas. Essa prática tem permitido a construção de espaços de formação com bolsistas e supervisores na universidade, que antecedem e também estão ocorrendo em paralelo com a inserção dos alunos nas escolas.

³ Depois o projeto pôde receber mais professores voluntários do curso. Uma professora recém-chegada de concurso na área de ensino de geografia começou a fazer parte do grupo de professores coordenadores do PIBID da Geografia de Angra dos Reis.



Dessa forma, o acompanhamento e a avaliação dos discentes tem se dado tanto por meio de oficinas de formação e reuniões na universidade, assim como por meio do resumo das atividades da semana elaboradas pelos discentes e supervisores nas escolas, buscando sempre que essa avaliação venha a contribuir com o bom andamento e resultados do programa na escola.

A organização das atividades do projeto delineou-se da seguinte forma:

1ª Etapa - Definição dos temas e levantamento de dados e elaboração de oficinas didáticas: durante esta etapa, realizamos um diálogo com os atores (professores, alunos das escolas e a UFF) para definição das principais temáticas a serem incorporadas nas práticas cartográficas. Elaboramos e coordenamos oficinas didáticas para a produção de mapas nas escolas (estas acontecem em paralelo com a coleta de dados e informações)

2ª Etapa - Elaboração de planos de aula e monitoramento das aulas de cartografia básica: nesta etapa, realizamos o planejamento das aulas a partir da sequência didática e juntamente com os professores das escolas, buscando abordar temas que preparassem os alunos para essa elaboração cartográfica. Acompanhamos e monitoramos as aulas com as temáticas escolhidas para a preparação dos alunos na elaboração e confecção dos mapas.

3ª Etapa - Oficinas didáticas de elaboração de mapas: nesta etapa planejamos oficinas didáticas em torno das seguintes metodologias: cartografia social, cartografia escolar, cartografia básica, sistemas de informação geográfica e oficinas didáticas de elaboração de mapas com os alunos e professores nas escolas;

Já para o desenvolvimento do atlas, em si, temos como base metodológica a pesquisa qualitativa e a pesquisa-ação, permitindo assim a inserção dos estudantes da Universidade nos espaços escolares de forma colaborativa com professores e estudantes da escola básica. Para Michel Thiollent, a pesquisa-ação é apontada como sendo:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebido e realizado em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1998, p. 14).

Assim, o PIBID permite a parceria frente as tomadas de decisões conjuntas de modo que os estudos possam gerar benefícios de forma participativa. De forma inicial, e

concomitante à imersão nas escolas, os bolsistas, supervisores e coordenadores passaram por um processo de formação inicial que esteve diretamente atrelado à construção do próprio projeto para a produção do Atlas.

Estas formações partiam da seguinte questão: QUAL O ATLAS QUE QUEREMOS? Os encontros iniciais ocorreram nas escolas e buscaram inserir os demais sujeitos das escolas: coordenadores pedagógicos, professores de outras disciplinas, diretores, etc.

Três grandes campos do conhecimento ou linhas de pesquisas também foram basilares e mediadores para as primeiras formações do grupo: Cartografia Escolar; Cartografia Social; e Geotecnologias. Partimos do pressuposto de que as técnicas e metodologias dessas grandes áreas do conhecimento da ciência geográfica podem contribuir com a democratização do acesso às ferramentas, equipamentos e informações de gestão territorial que podem ser apropriadas a partir da escola e de forma colaborativa com o bairro, com a comunidade, ou seja, com a escala do território. Atuando, dessa forma, como um importante mecanismo de Justiça Cognitiva da ciência geográfica com comunidades marginalizadas.

Durante o primeiro semestre de desenvolvimento do programa, o Núcleo trabalhou principalmente em três grandes frentes: 1. Formação inicial (que será continuada) da equipe com base em metodologias da Cartografia Escolar, Cartografia Social e Geotecnologias, abrangendo aportes teóricos dessas áreas do conhecimento de modo que tomamos como pergunta estruturante dos encontros: qual Atlas queremos?; 2. Conhecer as turmas atendidas e seus sujeitos: elaboração e desenvolvimento de questionários com os estudantes da Educação Básica; e 3. Inserção na escola e reconhecimento do seu entorno, por meio da atividade Mapa-Escola, com os alunos da Educação Básica.

A demanda pelo Atlas Escolar no município de Angra dos Reis: quais os mapas que queremos?

A partir de pesquisas anteriores realizadas pelo grupo de professores da área Ensino de Geografia do Curso, juntos aos professores e alunos de escolas públicas de Angra dos Reis, percebemos que há uma demanda urgente por um material cartográfico de apoio às aulas de Geografia nessas escolas. Essa demanda escolar tem sido observada na produção das pesquisas no âmbito da Cartografia Escolar, como já indicado por Gonçalves (2009, p. 6): “a



demanda educacional por este tipo de material na atualidade tem a ver com uma reflexão sobre o papel da escola frente a seus sujeitos e a questão da identidade sócio-espacial”. Ressaltamos que essa demanda reflete sim o reconhecimento dos sujeitos e seus lugares, mas além disso, inseridos nas instituições escolares, pois trata-se de atlas **municipal e escolar**.

Em um primeiro momento a discussão acerca da necessidade desse material esteve atrelada a escala dos mapas e dados que eram disponibilizados para as escolas. Comentava-se sempre da inexistência de mapas e informações, disponíveis em formato didático-pedagógico adequado ao contexto escolar, sobre o município de Angra dos Reis, seus bairros e lugares, suas histórias e espacialidades.

Em um segundo momento nossas pesquisas e atividades desenvolvidas junto às escolas e seus sujeitos nos mostravam que: ainda que houvesse algum material disponível de Cartografia nas escolas, era perceptível o distanciamento, tanto dos professores, como dos alunos dessas ferramentas em sala de aula. A “cartografia oficial” e seus pressupostos distanciam os sujeitos das escolas dos seus produtos ao buscar desconsiderar o contexto da produção desses mapas. Segundo Harley (2009) “em todo estudo iconológico, é somente graças ao contexto que se pode discernir corretamente a significação e suas influências. O contexto pode ser definido como as circunstâncias nas quais os mapas foram elaborados e utilizados” (p. 04).

Partindo de leituras como as de Harley (2009) podemos buscar entender o problema do distanciamento do mapa e dos sujeitos que os consomem/utilizam, nas escolas por exemplo, partindo de uma análise da ferramenta, o mapa, e não dos sujeitos, dos professores e dos alunos.

Numa analogia com a “ situação de fala ” num estudo lingüístico, isto implica reconstruir os quadros físicos e sociais que determinaram a produção e o consumo dos mapas, os acontecimentos que conduziram a essas ações, a identidade dos produtores e dos usuários dos mapas, e a maneira como eles percebiam o ato de produzir e utilizar os mapas num mundo socialmente construído. (HARLEY, 2009, p. 04)

Percebemos dessa forma, que havia uma demanda real por mapas e informações sobre o Município e que precisaríamos pensar em formas de apropriação dos mapas pelos professores, e que para isso precisaríamos partir da problematização da produção, interpretação e uso dos mapas com os sujeitos das escolas. Saindo dessa perspectiva que se

criou no contexto escolar, fruto da própria história da disciplina e da ciência geográfica e o objetivo dos mapas nesse contexto, que o colocou como algo dado, estático e irrefutável.

A partir disso a equipe analisou que precisávamos construir mapas do Município e produzir informações nessa escala, em que os sujeitos das escolas participassem da produção, interpretação e uso dos mapas, se apropriando assim de todas etapas dessa ferramenta.

Daí surgiu a ideia de construirmos o “Atlas Escolar Municipal de Angra dos Reis”, mas este seria um atlas que comportasse mapas e informações construídas e coletadas pelos próprios sujeitos das escolas, crianças, jovens e professores, em colaboração com a universidade e a Secretaria de Educação Municipal, experiência que se iniciaram nas três escolas selecionadas para esse primeiro ano do PIBID no IEAR, mas que tem como objetivo chegar ao maior número de escolas públicas e bairros periféricos de Angra dos Reis. Consideramos que,

a produção de atlas escolares, considerando-os material didático, deve desenvolver-se com a elaboração entre especialistas em cartografia, educadores e professores. Caso contrário, corre-se o risco de criar atlas visualmente agradáveis e tecnicamente corretos, mas estranhos à sala de aula e inadequado para o uso escolar. (ALMEIDA, 2001, p.142)

Os três primeiros encontros com a equipe do Programa estiveram centrados em discutir com coordenadores, diretores, professores supervisores, alunos, bolsistas, e coordenadores, a seguinte questão: qual o atlas que queremos? Esses encontros ocorreram nas escolas selecionadas pelo projeto, durante as quartas-feiras de cada semana, alternando entre elas.

Partimos assim, do pressuposto das metodologias participativas⁴ por meio de uma pesquisa-ação para a produção dos mapas, que intermediariam a inserção desses alunos do Curso de Licenciatura em Geografia nas escolas. E que metodologias das grandes áreas do conhecimento da própria Geografia nos elucidariam nesse processo de apropriação.

Os encontros acerca da cartografia e suas práticas sociais: formação inicial e continuada

⁴ Conforme Sanchez Gamboa (1998, p.26) “presupone que el conocimiento es esencialmente un producto social que se extiende o cambia continuamente, de La misma manera que cambia La realidad concreta y no separado de La práctica; El objetivo último de La investigación es la transformación de La realidad social y el mejoramiento de la vida de gente inmersa en dicha realidad.”



No primeiro semestre do PIBID Geografia, no ano de 2018, realizamos uma série de encontros, na qual cada professor coordenador do programa contribuiu com uma exposição de um tema condizente a proposta de formação docente e construção de atlas municipal escolar: cartografia social, alfabetização cartográfica, geotecnologias e pensamento espacial. Esses quatro campos de conhecimento juntos potencializam a formação docente pensando metodologias de ensino e aprendizagem centradas no desenvolvimento de sequências didáticas.

Ressaltamos que cada uma dessas áreas conta com conceitos específicos que quando pensados de forma integrada potencializam a aprendizagem dos conceitos geográficos e permitem a análise da realidade para além das experiências, mas construindo um tipo de raciocínio, o geográfico.

Durante o semestre, nos espaços de formação estudamos textos acerca da cartografia temática, considerando suas simbologias e rigor, também textos acerca do papel desempenhado pelo mapa e este como discurso sobre as práticas sociais, bem como discursos hegemônicos. Os estudantes e professores supervisores envolveram-se no diálogo de modo que construíram e planejaram atividades acerca da função social do mapa na escola.

De forma paralela e complementar a esse processo de formação, a inserção dos alunos nas escolas nessa primeira etapa do Programa se deu por meio da confecção e aplicação de um questionário com os alunos das escolas. Esse questionário foi elaborado pelo grupo durante as formações e aplicados um a um com os alunos das turmas atendidas.

O objetivo do questionário foi conhecer as crianças e o contexto social em que vivem. Uma análise mais aprofundada das informações coletadas nos dá também características a serem levadas em conta na hora da construção das atividades do projeto nas escolas. Como a possibilidade de usar equipamento como o celular em atividades na produção de mapas e uso de geotecnologias.

Com esse diagnóstico já poderíamos então decidir pela a atividade “*start*” do projeto, àquela atividade que busca estimular o grupo para a produção dos mapas. Escolhemos como atividade a exibição do Vídeo do episódio “Correio” da série “Cidade dos Homens”, a qual trata da vida de dois jovens da favela do Rio de Janeiro que se veem com a incumbência da entrega de cartas da comunidade. Em um contexto de violência e do tráfico de drogas, eles

acabam encontrando na produção do mapa da comunidade, construído por eles mesmos, a única saída para a enumeração das casas e a indicação do nome das ruas.

O vídeo exibido além de trazer à tona um contexto social muito aproximado do vivido por essas crianças e jovens de Angra dos Reis, de forma descontraída ele acabou chamando a atenção dos alunos, levando-os a perceber que as pessoas mais capacitadas para realizar o mapeamento de seus bairros, de suas escolas, de seu município são eles mesmos, que conhecem e vivem diariamente essa realidade.

Outro diagnóstico que precisávamos para iniciar as atividades, está relacionada ao nível de alfabetização cartográfica e conhecimento espacial prévio desses alunos. Para isso, logo em seguida da exibição do vídeo, aproveitando o estímulo das crianças provocado por ele, lançamos mão da atividade “mapa-escola”, a qual consistia em construir o mapa da escola por meio de desenhos e de forma coletiva, problematizando as relações vividas nesses espaços.

Além disso o mapa deveria provocar os alunos a representar, por meio de ícones desenhados a mão, os espaços mapeados a partir de sentimentos e situações do cotidiano. Representando assim os espaços da escola não pelo que eles deveriam ser, mas sim como eles realmente são vividos por essas crianças. Uma combinação de metodologias que partem da Cartografia Escolar e da Cartografia Social.

A partir das representações feitas nesses mapas pudemos ter um primeiro diagnóstico dos conhecimentos e da visão espacial prévia das crianças e jovens das escolas. É certo que precisamos ainda de uma melhor análise dessas representações das escolas elaboradas pelas crianças, mas ele já nos levou a pensarmos as próximas atividades, que visam justamente minimizar o atraso na formação cartográfica e espacial desses alunos.

A partir desse diagnóstico, iniciamos as atividades do segundo semestre do PIBID (primeiro semestre de 2019) com planejamento de sequências didáticas bimestrais e por turmas atendidas em cada escola. Partimos da discussão sobre as questões que envolvem este tipo de metodologia de aprendizagem, a qual considera os diferentes sujeitos sociais na construção dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, com base em Cestari; Juliasz (2018).



Esse debate permitiu o planejamento das atividades na escola para o primeiro bimestre de 2019, partindo da reflexão central sobre o que se ensinar, pensando o conteúdo conceitual, o tema, pois sistematizar o fator “o que” permite pensar os possíveis materiais cartográficos a serem desenvolvidos nas atividades seguintes. A partir dessa questão, o diálogo passou pelos conteúdos procedimentais, compreendendo a reflexão sobre o “como” se desenvolver um conteúdo conceitual e os materiais cartográficos. Essas reflexões permitiram o planejamento inicial das sequências didáticas estabelecendo a parceria entre os sujeitos sociais que compõem o PIBID.

Após este diálogo, estamos desenvolvendo uma série de atividades mobilizadoras do papel da cartografia enquanto linguagem: a) ponto de vista e escala; b) construção de mapa temático usando colunas proporcionais; c) geotecnologia

No primeiro encontro, desenvolvemos algumas atividades didáticas com o objetivo de trabalharmos os diferentes pontos de vista e a construção da relação de escala. Estas oficinas foram adaptadas dos estudos de Penteadó (2008, pp. 113-118). Elas foram realizadas nos encontros de formação com vistas a contribuir com metodologias de ensino para os alunos das escolas que participam do projeto.

Um das atividades consistia em fazer duas observações da paisagem nas áreas vizinhas ao *campus* da UFF. Os alunos do PIBID teriam que desenhar a paisagem a partir do primeiro e do segundo andar do prédio da universidade, comparando as diferenças dos objetos proporcionadas pela mudança de perspectiva. O ponto de vista de cima é o que mais se aproxima da visão vertical, comumente encontrada nos mapas oficiais.

Outra atividade é a de construção da luneta com a observação de diferentes objetos no espaço. Os alunos do PIBID construíram lunetas de papel e apontavam para os objetos que estavam dispostos na sala. Eles realizaram duas observações: uma próxima e outra distante em relação ao objeto escolhido. A intenção da atividade era trabalhar a ideia de escala grande e pequena. A escala grande surge quando o observador se encontra perto do objeto, identificando detalhes dele e a escala pequena aparece quando o observador se encontra distante do objeto, identificando-o por completo.

No segundo encontro, a atividade consistiu na elaboração de um mapa sobre a população brasileira, de modo que praticassem a comunicação visual por meio de coluna

proporcionais e reflexões acerca dos fundamentos existentes na produção consciente de mapas. Partimos da atividade sugerida por Almeida; Sanchez; Picarelli (1997, pp.24-25) com o objetivo que compreendessem a diferença essencial de se ler a tabela com dados e de ler um mapa.

Para isso, usamos uma base cartográfica do Brasil, papel milimetrado, tesoura, cola e lápis de cor e a tabela de dados com a população brasileira por região. Estabelecemos a relação entre 1 mm de altura de coluna e 1 milhão de habitantes e os alunos construíram as colunas referentes a quantidade da população. Depois de pintadas e recortadas essas colunas, dispuseram no mapa de modo que identificaram a região e o número absoluto, criaram a legenda e o título para o mapa. Ao longo da oficina, alguns estudantes mostraram dificuldade em relação a construção proporcional das colunas, porém o professor da educação básica esteve presente também apoiando a aprendizagem deles, de modo que ao final, os alunos estavam compreendendo o propósito da atividade e seus entraves, questões presentes na escola também. Todas essas atividades estão planejadas de forma contextualizada com a realidade de cada escola e partem dos conteúdos de cada turma, pois a cada encontro de formação aproveitávamos o último tempo do encontro para um planejamento coletivo das atividades junto aos professores supervisores, agendando datas de execução das atividades e pensando-a de forma a que venha colaborar com a construção das aulas e com a facilitação da abordagem dos os conteúdos em sala de aula.

Considerações finais

Não podemos deixar de destacar a importância do PIBID tanto para a inserção dos alunos dos cursos de licenciatura/formação de professores no cotidiano escolar, se aproximando da realidade dos alunos das escolas públicas, problematizando esses espaços de aprendizagem e superando desafios que estão postos nesses contextos; assim como também da contribuição da universidade e seus atores na busca por Justiça Cognitiva (SANTOS, 2007) com comunidades marginalizadas, contexto social a ser levado em consideração na elaboração das atividades do projeto na escola.

Entendemos essa premissa não como limitação, mas sim como possibilidade de construir conhecimento de forma coletiva e contextualizada com os sujeitos da escola, buscando estimular essas crianças e jovens a pensar o espaço a partir de representações



cartográficas visando minimizar a desigualdade ao acesso ao conhecimento da sociedade capitalista atual.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, R. D.; SANCHEZ, A. P. E. M. C.; PICARELLI, A. **Atividades Cartográficas 4: ensino de mapas para jovens**. 1996 (Material didático)

CESTARI, A. D. ; JULIASZ, P. C. S. . Educação geográfica e o espaço urbano: um estudo do lugar por meio de sequência didática. **REVISTA FORMAÇÃO@DOCENTE**, v. 10, p. 22, 2018.

GONÇALVES, Amanda Regina. Atlas Municipais Escolares: entre os mapas dos vencedores e das rupturas. In: **VI Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares**, 2009, Juiz de Fora-MG. VI Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares. Juiz de Fora-MG: UFJF, IBGE, SBC, 2009. p. 1-12.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Metodologia do ensino de história e geografia**. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 78, Outubro 2007: 3-46.

SANCHEZ GAMBOA, S. A. **Fundamentos para lá investigación educativa: presupuesto epistemológico que orientan Al investigador**. Santa Fé de Bogotá: Cooperativa Editorial Magisterio, 1998

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 8 ed. São Paulo: Cortes, 1998. 108p